

IDENTIDADE(S) AMOROSA(S) NA CONTEMPORANEIDADE: CONTINGÊNCIAS E MULTIPLICIDADE

Igrid Bergman Silveira Sousa (autora)*
Maria Tereza Marques Oliveira (co-autora)

A identidade como enfoque temático vem sendo amplamente discutida nos meios acadêmicos, sobretudo no que toca as ciências sociais. Essas discussões privilegiam basicamente a idéia de que na contemporaneidade atravessamos um momento de “crise” identitária em que os indivíduos, a partir de um amplo processo de transformações, se desloca, encontrando múltiplas maneiras de se relacionar e ver o mundo. Não é de nosso intento discutir a teoria social desenvolvida acerca da identidade. Mas procuramos, baseada nesta, abordar a(s) identidade(s) amorosa(s) e enfatizar a concepção de amor e de relacionamento vivenciados pelos indivíduos contemporâneos. A partir de uma postura simpática a idéia de descentração e deslocamento das identidades, abordamos as implicações que trazem para os relacionamentos amorosos, no intuito de problematizar valores, hábitos e concepções construídas a partir desses princípios. A articulação entre sentimentos e hábitos do mundo moderno são observadas na perspectiva de compreender o sujeito como um colecionador de sensações, que dinamiza sua construção identitária, mas intensifica sua desorientação quanto à frustração e fracassos das relações.

Conseqüentemente, as concepções deste trabalho estão abertas à contestação, visto que as discussões em relação à temática da identidade se mostram muitas vezes contraditória, ambígua, dividida. Vivendo num mundo de sucessivas transformações e múltiplas idéias são fundamentais que teorias tão significativas produzam debates, contestações e críticas. Entretanto, nos permitimos defender que esses processos de mudanças levam a um tipo diferente de transformações nos indivíduos, fragmentando-os e descentrando-os de seu lugar social e cultural.

Desta forma, acredito ser a contemporaneidade o espaço por excelência da multiplicidade, das possibilidades, da fragmentação, enfim, dos valores ditos pós-moderno (que nem são tão pós assim). A amorosidade vem se construindo dentro dessa perspectiva tornando o sujeito muitas vezes ambivalente e contraditório. Entretanto, a fragmentação como algo negativo só é tomada desta forma por que nos habituamos à tradição romântica do amor. Para nos respaldar no tocante esse conceito, nos apropriamos do psicanalista Jurandir Freire por apresentar uma interessante análise-crítica a esse respeito e que voltaremos mais adiante.

* Graduanda do curso de História da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

Nesse sentido, a vida passa por um processo de tentar encontrar o seu eixo, seu real sentido para ser e para estar, numa espécie de procura alucinada por algo que a complete, que intensifique, que aprofunde. Buscamos nos relacionarmos, estarmos com outro, sentirmos o outro para não nos sentirmos sozinhos. No entanto, a maneira como se dá esse encontro muitas vezes não visa engrandecer relações ou perceber o outro de tal modo que sinta a importância dele para a nossa vida ou tão somente para aquele momento. Na maioria das vezes, queremos o outro para escapar de nossas angústias, na busca do prazer fugidio, na fuga desesperada por uma companhia. Mas nessa procura, não pensamos no outro, não queremos saber do outro, por que simplesmente esse outro atrapalha nossas vidas na medida em que ele passa a ser ou querer ser mais que um outro.

Nessa perspectiva trazemos o sociólogo Bauman (2004) por nos apresentar uma compreensão lúcida dos (des)caminhos que o sujeito traça na modernidade líquida, atando e desatando os laços afetivos na mesma velocidade com que foram construídos sem compromisso e sem culpa. O indivíduo amoroso permeado nesse contexto líquido é comparado ao consumidor que a todo o momento está atrás de novidades e procura relacionar-se não pela qualidade das relações e sim pela quantidade. A moda e o consumo vêm fazer diferença na contemporaneidade na medida em que delinea uma realidade capaz de transformar-se o tempo todo criando a idéia de que se pode ser aquilo que se deseja. Desta forma, construir identidades torna-se uma tarefa mercadológica, visto que se está a venda o perfil que se quer ser. Montar identidades é uma das atividades ensejadas pela modernidade, satisfazendo os desejos e vontades de indivíduos que teimam em apegar-se, mas privilegiam a frouxidão e fluidez dos laços amorosos.

A moda no mundo moderno: a busca pelo novo, o narcisismo e o presenteísmo

A consagração do Eu em nossa sociedade, deve-se, de certa forma, a benção/maldição como afirma Bauman (2004) do individualismo moderno ao qual herdamos. Aprendemos tanto a plasmar o conceito de indivíduo como algo uno, indivisível, homogêneo que acabamos por esquecer da presença do Outro e, sobretudo, do Nós. Ao mesmo tempo em que nos é permitido nos aproximar do Outro para com ele fruirmos tudo o que for do nosso desejo, não nos é permitido aproximar-se efetivamente dele nem vê-lo como Outro, visto que só o observamos projetando nossas ânsias e vontades. Acreditamos estar definitivamente separados – eu comigo e

ele com ele – e isso possibilita a ausência de uma interação mais profunda e permanente. É claro que seria imprudência de minha parte afirmar que a descoberta do Eu só trouxe prejuízos à vida em sociedade. Essa noção nos proporciona a perceber a dimensão criativa da Natureza que promove em nós uma cultura de escolhas, de consciência e de responsabilidade.

Entretanto, o Ocidente mergulhando cada vez mais fundo no Eu acabou por confundi-lo com o ego, produzindo ações, pensamentos e projeções a partir de uma consagração ao egoísmo. Desta forma, não seria a consagração do Eu - no sentido estrito do termo e que foi amplamente desenvolvido pelos Iluministas - que observamos atualmente. O que vemos são noções distorcidas dessa concepção, visto que não se pode omitir ou margear o Outro em nome do egoísmo e de pretensões puramente orgulhosas em nome do individualismo. Tal concepção gerou em nossa sociedade uma cultura narcisista, gerando frutos nem sempre saborosos, uma vez que consagramos posturas equivocadas com a falsa pretensão de estarmos sendo livres, sendo nós, agindo como se o mundo fosse apenas nosso umbigo.

Essa realidade ainda se mostra muito mais complexa do que aparenta, por que poderíamos nos questionar da seguinte forma: Na consagração do Eu, por que vivemos querendo nos ajustar ao Outro? E por que esse Outro, sendo tão diferente do Eu, torna-se tão atraente e tão solicitado? Quando me faço essas questões procuro entender, em parte, o que diz Maffesoli (2006) em relação ao neotribalismo. Por mais que haja alteridade entre as pessoas e por mais que o Eu esteja num patamar mais elevado na escala dos valores, a uma verdadeira emergência de agrupamentos humanos unidos pura e simplesmente pelas afinidades entre seus membros. As pessoas se procuram não por que são diferentes, mas por que se identificam, construindo laços (que embora muitas vezes sejam fluidos, transitórios, efêmeros) para a fruição de prazeres e desejos similares. A isso, Maffesoli (2006) denominou de “ética da estética”.

Nessa mesma perspectiva, podemos analisar como a moda – que nada mais é do que a afirmação do individual sobre o coletivo, segundo Lipovetsky (2004) – auxilia nesse processo de consagração do Eu, subjetivando novos referenciais, sobretudo o do gosto. O estabelecimento da moda como um dos pilares de nossa sociedade propiciou a desqualificação do passado e a valorização do novo. Tudo o que é novo é mais atraente e por isso vivemos numa busca incessante de alcançar a novidade. A experiência amorosa nova, o carro novo, o mais recente modelo de calça jeans está na ordem do dia e pertence igualmente aos nossos desejos e impulsos, sendo que um carro pode ser mais valioso do que sua vida amorosa, da mesma forma que a calça

jeans. Assim, aquilo que hoje se mostra como a novidade amanhã já estará obsoleta e logo outra coisa a substitui para nos agradar. Assim, entramos numa relação contraditória com o que nos cerca, por que ao mesmo tempo em que aprendemos a não valorizar os objetos (pois logo em seguida outro aparece melhor mais bonito mais completo) aprendemos também a amá-los e a não conseguir viver sem eles. Nesse mesmo sentido procuramos agir com as pessoas que nos relacionamos considerando-as descartáveis, internalizando a idéia de que o outro não passa de uma mercadoria qualquer da qual compramos e nos desfazemos com a mesma facilidade (BAUMAN, 2004). A partir do consumismo e da tentativa exagerada da mídia em vender produtos, há uma verdadeira “mercantilização” do corpo, em que as pessoas não se vêem mais como seres, mas como pedaços de bunda, de pernas, fragmentadas para atender a demanda do apelo visual e estético (CARIDADE, 1999). Desta forma, entramos na paranóia do consumismo em que a moda é sua maior expressão e a venda de identidade por um pedaço de corpo ou por um protótipo qualquer é mais que legítimo em nosso mundo moderno.

As sociedades modernas são, portanto, sociedades que se apresentam em contextos de mudanças velozes e permanentes. Esta, sem dúvida, é a principal característica da modernidade, diferenciando-a das chamadas sociedades “tradicionais”. Nesse sentido, não nos permitimos mais seguir um caminho preestabelecido pela tradição já sabendo o que nos aguarda no futuro. Consagramos o presente; queremos vivê-lo em cada momento e de acordo com nossa própria realidade. A sedução se pauta no jogo das imagens e das palavras, nas quais o indivíduo hipermoderno - para empregar um termo caro a Lipovetsky (2004) - escolhe aderir ou não. Essa sedução leva inexoravelmente ao consumo, proporcionando bem-estar e prazer e enaltecendo a lógica da moda.

A afirmação do individual e essa busca pelo novo produziu o reinado do efêmero sistemático (LIPOVETSKY, 2004) que nos aprisionou a idéia de consumo no intuito de nos satisfazermos enquanto indivíduo através do prazer. Assim é que passamos a valorizar o presente, o presenteísmo na concepção de Maffesoli (2006), procurando perceber cada momento como eterno.

Contingências e possibilidades

Nesse contexto ambíguo e contraditório que se nos descortina como ficam as identidades amorosas em meio a tanta complexidade? As dúvidas são freqüentes pelo ambiente

de instabilidade instaurada. A quebra dos limites em torno da possibilidade de novos laços, sexualidades flutuantes e a incerteza de sentimentos trazem à tona problemas de identidades: Não sabe mais o que se é, e qual o papel a desempenhar. Tudo caminha para a incerteza e para a confusão de desejos (reprimidos ou aflorados) que mergulham os sujeitos em um poço fundo de angústia e ansiedade. Propensos a relacionamentos descartáveis e em múltiplas formas, os novos sujeitos chamados por Bauman (2004) de “*homo sexualis*” está *Condenado a permanecer sempre incompleto e irrealizado*. Neste sentido, cabe a discussão das flexíveis formas de se orientar e conectar amorosa e sexualmente falando. O filme “Todas as cores do amor” (2006) traz um diálogo pertinente à maneira de como os jovens percebem as relações amorosas. As personagens Clara e Conzo discursam a respeito de sua condição de jovens que devem fruir tudo aquilo o que o mundo lhes oferece sem negar nenhuma experiência que se apresente ao indivíduo. As palavras que utilizam durante o diálogo tem uma conotação exclusivamente sensorial tais como “provar”, “cheirar”, “tocar”, levando-nos a considerar que apenas o deleite sexual, acentuado pelo contato físico e as impressões sensoriais, promove o prazer e a realização das pessoas.

Nessa perspectiva, o sexo é também entendido como uma mercadoria. No ato de uma compra, consumimos não pela necessidade que temos dos objetos, mas pela satisfação – passageira - que ele nos dá ao possuí-lo. Da mesma forma nos comportamos diante dos relacionamentos. Queremos um amor pronto e acabado para nossa satisfação imediata que nos faça sentir o maior gozo do mundo e que depois possamos jogá-lo num canto para ir em busca de uma outra pessoa - por que remover refugos também fazem parte dessa trajetória fluida. As relações afetivas, desta forma, passam a serem mercantilizadas como se fossem coisas quaisquer e os indivíduos comprometidos com essa postura tornam-se cada vez mais contingentes diante de compromissos e de situações estáveis. Nesse sentido, Bauman (2004: 22-23) traz uma reflexão pertinente:

(...) é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para o uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganos, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a ‘experiência amorosa’ à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço.

Nossa pressa em tudo não permite que amadureçamos nossa relação ou que permitamos que o outro se mostre como ele é. Nossa ânsia de consumir o outro, ou melhor, de consumir o prazer que o outro nos proporciona, não deixa brecha para um entendimento mais profundo mais intenso, pois a intensidade deve ser experimentada no fugidivo momento que vai de uma troca de olhares a uma relação sexual (que nem sempre traz o prazer esperado).

Na concepção de Bauman (2004) os indivíduos da modernidade líquida temem o compromisso e a relação duradoura com o outro. Entretanto, esse mesmo indivíduo anseia em se relacionar, receia a solidão, pelo simples fato de que necessita do outro também para descarregar suas angústias e carências afetivas. A contraditoriedade é o elemento básico desse indivíduo fluido que não sabe sentir outra coisa senão insegurança: “A solidão produz insegurança – mas o relacionamento não parece fazer outra coisa. Numa relação, você pode sentir-se tão inseguro quanto sem ela, ou até pior. Só mudam os nomes que você dá a ansiedade” (BAUMAN, 2004: 30).

Retomando a discussão do filme, numa cena entre Clara e Angie (namoradas durante parte do filme) a segunda resolve fazer uma declaração à primeira dizendo que a amava. Em seguida, Clara afirma que prefere não falar esse tipo de coisa, por que, de certa forma, ela se sentiria na obrigação de responder a altura (coisa que ela não queria). O objetivo da cena é mostrar quão frágil são os relacionamentos atuais e o quanto as pessoas rejeitam a idéia de apego, de vínculo, de laços afetivos. A concepção de relacionamento de Clara sem dúvida se aproxima das nossas no sentido de que desejamos ter o outro, mas não suportamos o fato de proximidade queremos manter a distância e deixar tudo solto, à vontade, desprendida...

Entretanto, a atitude de Clara não partia de uma pessoa que tinha uma postura segura de suas convicções. Sua vida sexual, amorosa, afetiva, passava por um momento de sérias transformações e ela em nada se sentia segura para tomar decisões, sobretudo se queria continuar o namoro ou não com Angie.

Situações como esta e tantas outras que poderíamos multiplicar os exemplos fazem parte de nossa rotina contemporânea. Sentir-se atraída por alguém e não desejar vínculos demasiado atados é uma forma de não assumir compromissos e, portanto, de não se sentir na obrigação de dar satisfação ao outro, extinguindo problemas e estendendo o prazer. Para Bauman (2004) relações desse tipo, além de serem comercializadas, são amplamente aconselhadas por

“especialistas” (o que ele denomina como “relação de bolso”). Nesta forma sistemática e infalível, o indivíduo dispõe de múltiplas técnicas na qual pode se utilizar no “manejo” com outro. Valores como frieza e racionalidade são exigidos, de modo que tragam “segurança” para os envolvidos, fazendo com que eles não se entreguem plenamente para não sofrer depois:

Uma relação de bolso bem sucedida (...) é doce e de curta duração. Podemos supor que seja doce porque tem uma curta duração, e que sua doçura se abrigue precisamente naquela reconfortante consciência de que você não precisa sair do seu caminho nem se desdobrar para mantê-la intacta por um tempo maior. De fato, você não precisa fazer nada para aproveitá-la. Uma ‘relação de bolso’ é a encarnação da instantaneidade e da disponibilidade (BAUMAN, 2004: 36).

Ainda nessa perspectiva Bauman (2004: 37) acrescenta:

(...) deve-se entrar no relacionamento plenamente consciente e totalmente sóbrio. Lembre-se: nada de ‘amor à primeira vista’ aqui. Nada de *apaixonar-se* ... Nada daquela súbita torrente de emoções que nos deixa sem fôlego e com o coração aos pulos (...) A conveniência é a única coisa que conta, e isso é algo para uma cabeça fria (...) Quanto menor a hipoteca, menos inseguro você vai se sentir quando for exposto às flutuações do mercado imobiliário futuro; quanto menos investir no relacionamento, menos inseguro vai se sentir quando for exposto às flutuações de suas emoções futuras.

Idéias como esta se multiplicam no espaço da modernidade líquida, visto que não dispomos mais de tempo suficiente para refletirmos em nossa construção afetiva e acabamos fazendo aquilo que se apresenta mais fácil, menos doloroso, mais prazeroso e menos comprometedor. Jurandir Freire na obra “Sem Fraudes Nem Favor” (1998) afirma que nossa concepção de amor foi construída de forma equivocada devido à idealização que temos desse sentimento. Buscamos um amor que simplesmente não existe, inexequível para nossa condição moral e emocional atual e que, portanto, só nos leva a frustrações, conflitos, situações que muito mais do que ajudar, nos leva a perder o sentido do amor, e por extensão, eu diria, do relacionamento:

Aprendemos a crer que para amar romanticamente é uma tarefa simples e ao alcance de qualquer pessoa razoavelmente adulta, madura, sem inibições afetivas ou impedimentos culturais. O sentimento de insucesso amoroso é, por isso mesmo, acompanhado de culpa, baixa da auto-estima e não de revolta contra o valor imposto, como na situação de preconceito. Poucos são capazes de duvidar da ‘universalidade’ e da ‘bondade’ deste amor culturalmente oferecido como algo que nos sentiremos profundamente infelizes. Acredito que sem uma crítica à

idealização do amor-paixão romântico, temos poucas chances de propor uma vida sexual, sentimental ou amorosa mais livre. (FRIRE, 1998: 35).

Não admira que os relacionamentos dentro dessa concepção de amor levam tantas pessoas a terem problemas psicológicos. Como materializar e praticar um sentimento que nos parece distante – e que de fato o é – é a grande questão que nos aflige, visto que somos conscientes da impossibilidade desse amor e por isso preferimos nem olhar pra ele, por que encará-lo significa também trabalho. Trabalho de pensar no que pode ser feito para a melhoria dos relacionamentos e dos sentimentos. Trabalho de querer ver mais do que a si próprio, como quem está ao lado. Essas são escolhas por demais danosas ao nosso ego, por que estamos habituados a não pensar, a não questionar, a não refletir e a querer tudo pronto, completo, preparado. Assim é nossa sociedade. É muito mais interessante encontrar tudo pronto para o consumo, visto que preparar algo que se quer consumir pode levar algum tempo e não estamos dispostos a investir nele, o agora tem de ser vivido já e sem demora!

Uma outra cena emblemática do filme “Todas as Cores Do Amor” (2006) vai demonstrar quanto o casamento pode ser um passo equivocados das pessoas. A personagem está de casamento marcado quando resolve fazer sua despedida de solteiro. No mesmo lugar de sua festa outra despedida de solteiro também está acontecendo, mas esta é de um rapaz. Os dois acabam se conhecendo e o rapaz questiona a noiva se ela já havia pensado na possibilidade de que nunca mais poderiam ficar com ninguém, o que a deixa bastante confusa. Pouco depois, eles acabam se beijando e transando ali mesmo, no banheiro do bar. O desfecho da estória é a resolução da noiva em acabar com o casamento, fugindo com seu mais novo namorado (quando o seu ex-noivo também já havia tomado a decisão de não comprometer-se com ninguém pelos laços do matrimônio). Fazendo uma análise percebo a visão negativa de que temos do casamento. Falar dessa instituição nos remete logo a idéia de prisão, de enjaulamento, reclusão. É como se estivesse dizendo que ao casar as pessoas envolvidas estariam fechando as portas para outros relacionamentos, outras pessoas e isso é extremamente execrado pela modernidade. A idéia é de possibilidades, de conquistas várias e não de estar preso. A vida é demasiada complicada para colocarmos mais problemas nela, isto resume parte dos valores contemporâneos. Contudo, o mais interessante é que acabamos sofrendo da mesma forma, casado ou não. Esquecemos de rever os conceitos em torno do casamento e terminamos com as mesmas situações de conflito, por que casamos do mesmo jeito. O pior de tudo é que fazemos já conscientes do insucesso do casamento

tal como praticamos, por que o cremos falho, mas que da mesma forma que o amor, não questionamos ou não procuramos a melhor idéia ou maneira de relacionar-se, gerando conflitos existenciais.

Segundo Bauman (2004), o *boom* do aconselhamento se tornou notório na contemporaneidade graças a esse sentimento de impotência perante a materialização do amor romântico, fazendo com que essa impotência se converta em concentração nas satisfações que as relações podem oferecer, levando o indivíduo a uma contrariedade constante de suas atitudes. O profissional do aconselhamento tem legitimado esse discurso, afirmando muitas vezes, a importância dessa fluidez amorosa onde o compromisso está, nesse caso, comprometido:

“O que esperam ouvir deles é algo como a solução do problema da quadratura do círculo: comer o bolo e ao mesmo tempo conservá-lo. Desfrutar das doces delícias de um relacionamento evitando, simultaneamente, seus momentos mais amargos e penosos; forçar uma relação a permitir sem desautorizar, possibilitar sem invalidar, satisfazer sem oprimir...” (Bauman, 2004: 9).

Desta forma podemos questionar se o que as pessoas realmente querem não seja uma maneira de livrar-se sem dor dos relacionamentos muito mais do que um relacionamento duradouro. Não se fala mais em relacionar-se, mas em conectar-se como se estivessem em rede, algo que conecta-se e desconecta-se com a mesma facilidade (Bauman, 2004). “Todas As Cores Do Amor” mostra muito bem isso. Boa parte das personagens não estão interessadas nesses elos muito estreitos, marcas da contemporaneidade e que se consagra todos os dias em nossa sociedade. Entretanto, entendendo o discurso que se quer passar no filme percebo também as contrariedades nas ações das personagens. Elas mudam de papel no decorrer da trama, fazendo com que a atitude tomada por uma seja depois tomada por outra. Clara exemplifica bem essa idéia. Depois de namorar com Tom que vivia conquistando as mulheres com metáforas e poesias, e com Angie, que queria, aparentemente, um compromisso mais duradouro e procurou conquistar Clara - que até então não havia tido experiência sexual com pessoas do mesmo sexo – acaba tomando a mesma postura de Tom e Angie no decorrer do filme, mostrando que as identidades também são fluidas e que nos relacionamentos aperfeiçoamos nossas habilidades amorosas, pois somos plásticos as situações. Os amores podem acontecer a qualquer momento, em qualquer lugar, com qualquer pessoa, basta que estejamos aberto ao mesmo sem se preocupar quando, como e o porquê se caso vier acabar.

A realidade líquida da nossa sociedade é chocante e ao mesmo tempo desconcertante por que se nos leva de um lado constatar a contingência vigente na contemporaneidade, do outro, nos leva a sentir mais agudamente nossa situação, fazendo com que reflitamos sobre nossos conceitos, nossas vidas e o rumo que devemos dar a mesma, percebendo o quanto às construções culturais sobre o amor e sobre os relacionamentos interferem de modo significativo na elaboração das identidades. Quanto a esta, que se transformou nos últimas décadas, deixando de ter “uma identidade fixa e estável, foi se descentrando, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno”. (HALL, 2000: 46). Desta forma, a construção, desconstrução, reconstrução e reinvenção das identidades estão em aberto, tornando os sujeitos mais livres para escolher ou elaborar a(s) sua(s). Mesmo observando as múltiplas conseqüências desastrosas que tais aberturas trazem para o indivíduo, é legítimo observar também que o caráter flexível, plástico e contingente da contemporaneidade traz outras possibilidades que se, por um lado leva a uma desestabilização do sujeito, leva também a uma maior riqueza, bastando fazer – o que não é fácil, mas possível - do constante conflito uma forma de sair mais consciente e lúcida de toda ambivalência.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido – Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2004.

CARIDADE, Amparo. “A construção cultural da sexualidade” In: RIBEIRO, Marcos. **O parzer eo pensar**. vol. 2, São Paulo, Gente, 1999.

FREIRE, Jurandir. **Sem Fraude Nem Favor: estudo sobre o amor-romântico**. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopez Louro – 4ª ed. – Rio de Janeiro, DP & A Editora, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo, Barcelona, 2004.

MAFFESOLI, Michel. “O retorno das emoções sociais”. In: SCHULER, Fernando e DA SILVA, Juremir Machado (org.). **Metamorfoses da Cultura Contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SÉBASTIEN, Charles. **O individualismo paradoxal: introdução ao pensamento de Gilles Lipovetsky**. São Pulo, Barcelona, 2004.

Todas as Cores do Amor. Direção de Elisabeth Gill. Produção de Breda Walsh. Local: Irlanda, 2003. 85 min. Distribuído por Art Films, DVD, som 2.0 digital, colorido.